

MARIE DE MAISTRE — **Pour ou contre l'orthographe**, Paris, Editions Universitaires, 1974, Collection "Encyclopédie Universitaire".

Da bibliografia citada no n.º 13 de *Le Monde de l'Education*, dedicado à ortografia, destacamos o livro de Marie de Maistre, ortofonista, que examina o problema da ortografia francesa em seus diversos aspectos: lingüísticos, sociais, pedagógicos e propõe soluções práticas, sobretudo didáticas, para atenuar o problema.

Tendo trabalhado muitos anos na reeducação de crianças consideradas irrecuperáveis em ortografia e leitura, Marie de Maistre se deu conta de que muitos casos a ela encaminhados, eram conseqüência, não de defeitos físicos das crianças, mas tão somente de erros profundos de pedagogia da língua francesa, nas escolas primárias e secundárias. Partindo daí, ela faz uma análise bastante detalhada do problema da aprendizagem da ortografia e da leitura.

Na primeira e na segunda parte, em linguagem clara e acessível aos leigos, a autora expõe as "operações mentais implicadas na aprendizagem da leitura e da ortografia" e analisa os métodos mais comuns usados no ensino dessas atividades, na França.

Trata-se de capítulos importantes para os professores de língua estrangeira e materna, podendo-se adaptar muitas observações ao ensino da ortografia portuguesa, como, por exemplo, o caso dos homônimos e sobretudo o problema das diversas grafias para um mesmo som.

Quanto à discussão sobre o ensino da ortografia, vemos, nas idéias da autora, a oportunidade de refletir sobre o problema, pois, se na França, podem-se criticar os métodos empregados, no Brasil sequer existem correntes que proponham claramente aos professores, diferentes técnicas para o seu ensino. E, ao abordarmos a questão da reforma ortográfica, é conveniente associar ao exame preliminar do assunto, a discussão das técnicas de ensino da ortografia. Estas reflexões, virão seguramente ajudar as simplificações necessárias na grafia das palavras portuguesas.

Ressaltamos algumas críticas básicas, referentes ao ensino da grafia das palavras e como, por exemplo, partir-se apenas da linguagem escrita, para essa atividade. Como escreve Marie de Maistre, “para saber escrever é preciso partir da linguagem *falada* ou *pensada*” (p.). Trata-se de um princípio fundamental nas técnicas audio-orais de ensino de língua estrangeira e igualmente aplicáveis à língua materna, mas ao qual, no Brasil, ainda poucos têm dado importância.

Outro aspecto pedagógico a ressaltar, é a crítica às palavras usadas pelos professores ao ensinarem ortografia: “eles empregam um vocabulário desconhecido da criança, o que não favorece a aplicação da regra” (p. 85), atitude igualmente comum em nosso ensino de português.

Mais interessante, entretanto, é a terceira parte, onde Marie de Maistre examina as causas da crise da ortografia na França e as soluções possíveis. Como Jacques Cellard, ela dá grande importância aos fatores sócio-culturais ligados à aprendizagem da ortografia francesa, criticando, inicialmente, a “cultura oficial” e o poder que a escola adquiriu em nossa sociedade, uniformizando de modo restritivo os estudantes. “Em nossa sociedade”, escreve ela, “não se concebe que se possa adquirir cultura *fora* da escola” (p. 90).

Chama a atenção para o fato de que se “a língua é o veículo por excelência da cultura”, o seu conhecimento, “enquanto instrumento de pensamento e de expressão”, não precisa ser necessariamente ligado à língua literária e menos ainda à análise gramatical ou à análise lógica (p. 91). Por outro lado, a autora considera necessário fazer-se uma revisão da concepção francesa de cultura, “estritamente literária”, no que, aliás, nós também no Brasil, seguimos sem diferenças. A partir daí, inicia um comentário bastante oportuno sobre o desinteresse dos jovens pelo que se estuda atualmente nas universidades, com um ponto de vista que não é comum em discussões do gênero, e que interessa igualmente aos professores brasileiros. Considerando a posição dos intelectuais de nosso tempo que, não podem “conceber a aliança entre trabalho manual e cultura” e que “se reduz à cultura escolar”, a autora critica a escolaridade obrigatória até 16 anos na França e defende uma cultura auto-didática, adquirida através da leitura e dos atuais meios de comunicação, como a televisão, o rádio, o teatro, o cinema etc. Para ela, a existência de menor número de filhos de operários e de camponeses nas Universidades é menos devido às condições sócio-econômicas dos pais

ou à inferioridade intelectual desses jovens — explicação a que se recorre para justificar o fato — do que à maneira como se processa o ensino nas Universidades. Aí, os cursos são teóricos, doutrinários, acadêmicos, formais e desligados dos problemas de nossa realidade atual e por isso, não interessam aos jovens de classes menos favorecidas. Tal ponto de vista, encontraria acolhida entre nossos estudantes de Letras, por exemplo, conforme pudemos verificar em diversos encontros com alunos de nossa Faculdade.

Um segundo fator que a autora aponta como causa do divórcio existente hoje entre a cultura acadêmica e o desinteresse dos jovens está na incapacidade da escola em se adaptar a um ensino de massa e à mentalidade dos jovens. As críticas que Marie de Maistre faz ao ensino secundário na França, — guardadas as proporções com nossa estrutura de ensino, bem menos organizada que a francesa e menos enraizada as nossas pretensões acadêmicas — não deixam de atingir também nosso ensino secundário e mesmo o superior, nas Faculdades de Filosofia. Hoje, no Brasil, esse ensino oscila entre uma tradição humanística mal enraizada e aqui mais alienada do que na França, onde a vida intelectual intensa favorece a defesa de tal orientação — e uma modernização feita às cegas, sempre incompleta, superficial, onde atitudes e técnicas pedagógicas das mais novas coexistem ao lado de elementos dos mais tradicionais e conservadores. Nosso modernismo pedagógico, a bem dizer, (refiro-me sobretudo a certos manuais de português para o secundário), não passa de atitude mal orientada, uma simples maneira de mascarar superficialmente um ensino tradicional, sem se dar ao trabalho de refletir ou pesquisar para sua efetiva melhoria ou adequação as novas gerações. “L'école”, escreve Marie de Maistre, “parvient difficilement à se débarrasser du programme de l'enseignement qui correspondait autrefois à la préparation au baccalaureat classique fait pour une “élite” provenant en grande majorité de milieux aisés. L'enseignement de la grammaire qui devait aboutir au C.E.P. a peu à peu évolué du fait que tous les élèves entrent en sixième, vers des procédés qui, en définitive, constituent une préparation au latin, que d'ailleurs on apprend de moins en moins. Il en va de même pour le choix des textes. C'est ainsi que nous avons vu cette année 1972/73 étudier *Tarturfe* en 4e. pratique (...) comme si leur niveau linguistique, leur environnement social, pouvaient leur permettre de comprendre ce texte et de s'intéresser à un tel sujet” (p. 98).

Seguem-se capítulos propondo soluções práticas para a crise da ortografia, como a reforma, a renovação do ensino da leitura, com a finalidade de desenvolver o interesse do aluno, e inúmeras sugestões técnicas e práticas, que interessam diretamente todos os professores de línguas. Ressaltamos, em particular, a recomendação da autora para dois vocabulários ortográficos de base, de língua francesa (*L'Echelle Dubois-Buyse*, de E. Ters, G. Mayer e D. Reichenbach e o *Vocabulaire orthographique de base*, OCDL, Neuchatel), onde listas de palavras mais comuns são oferecidas aos professores para serem usadas em classes do primário e do secundário. É uma idéia a ser aproveitada no Brasil, onde vemos, mesmo em livros de português para o primário, inúmeros exercícios de ortografia elaborados com palavras eruditas, inteiramente alheias às necessidades imediatas de comunicação dos alunos, enquanto estes não sabem escrever muitas das palavras de uso corrente em seu vocabulário, como estamos constatando em pesquisa ora desenvolvida na Faculdade de Filosofia de Marília, entre estudantes secundários.

Marie de Maistre conclui seu livro com uma página bastante sucinta, onde adota duas posições interessantes: uma, moderada, no que se refere à questão da reforma ortográfica e outra, revolucionária, no que diz respeito às nossas concepções acadêmicas de cultura, assim resumidas:

“Pour l’orthographe, mais contre la façon dont on l’enseigne ou plutot on ne l’enseigne pas.

“Pour l’orthographe, mais contre une conception livresque et littéraire de culture.

“Pour l’orthographe, mais contre l’intolérance qui rejette celui qui n’a pu l’acquérir et lui refuse le droit à la culture.”

“Pour l’orthographe, oui, mais surtout pour la culture et pour la culture accessible a tous.” (p. 179).

Desses quatro pontos, os dois primeiros nos interessam diretamente, pois estão ligados ao nosso problema atual do ensino da língua portuguesa em geral e da ortografia em particular. Assim, o livro de Marie de Maistre constitui uma obra interessante, como ponto de partida para reflexões sobre nosso ensino, e em particular o da língua materna, cujos objetivos, hoje em dia, nos parecem bastante confusos. Comprometidos ainda com a cultura tradicional, ao mesmo tempo que se ensaiam modernizações superficiais, permanece alienadamente uma ampla base acadêmica, hoje não assimilada pela juventude, ou ignorada por ela ou ainda repudiada.

Observa-se, entre nós, nas tentativas de se definirem programas e currículos, a falta de uma análise profunda da situação sócio-econômica e cultural dos alunos que, em todos os níveis, demandam hoje as escolas brasileiras e cujos objetivos, seguramente, não são mais idênticos aos de vinte ou trinta anos atrás.

Para todos os professores insatisfeitos com os resultados de seu ensino e desejosos de melhorar sua atuação, o livro de Marie de Maistre não deixará de trazer inúmeros elementos para uma ampla reflexão sobre o assunto.

CHRISTIANE MARIE DUMORTIER
QUINTINO DE ALMEIDA